

Sexo Frágil: a representação da masculinidade hegemônica em quadrinhos digitais sob a narrativa feminina¹

Resumo expandido

Historicamente, as mulheres eram consideradas como sexo frágil, a partir de representações misóginas impulsionadas na sociedade patriarcal em que vivemos. No entanto, a fragilidade masculina tem se despontando como um retrato do machismo que oprime as mulheres e as relações sociais. Dessa forma, o presente trabalho reúne discussões de masculinidades, quadrinhos digitais e análise do discurso por meio dos estudos de narrativas de si a partir de histórias em quadrinhos que abordam a fragilidade masculina diante de relações com mulheres, a partir de relatos reais delas.

Boy Dodói é uma coletânea de quadrinhos concebida por duas jornalistas e quadrinistas brasileiras, Carol Ito (@carolito.hq) e Helô D'Angelo (@helodangeloarte). Pensada em 2023 e criada com base em relatos reais de mulheres, a iniciativa teve início nas redes sociais das artistas, que pediram às leitoras e seguidoras que lhes enviassem, por meio de um formulário no Google, relatos, experiências e vivências com homens em situações em que eles agem a partir de suas “masculinidades tóxicas”. O projeto segue, ainda em julho de 2023, em processo de financiamento coletivo pela Catarse, plataforma a partir da qual é possível lançar propostas para angariar fundos por meio de financiamento coletivo.

Espera-se que um livro impresso seja lançado pela editora Bebel Books (@bebelbooks) reunindo todos os quadrinhos da coletânea. Ainda assim, alguns dos quadrinhos já foram liberados no Instagram de Helô, Carol e da editora com o objetivo de divulgar o trabalho e mostrar as leitoras um pouco do que está por vir. Em agosto de 2023,

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 11: Tecnologias digitais, gênero e diversidade do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023.

a campanha no Catarse para o financiamento do livro “Boy Dodói” alcançou sua meta financeira, tendo portanto livros impresso e digital garantidos.

Segundo consta na descrição da plataforma de financiamento coletivo, “Boy Dodói é uma coletânea de histórias em quadrinhos sobre masculinidade tóxica. A intenção é promover reflexões sobre comportamentos machistas, sobretudo dentro das relações afetivas, para que eles sejam menos comuns no futuro (pelamor!)”.

As duas mencionadas artistas, que também ilustram algumas histórias, são editoras do projeto junto de Bebel Abreu, que conta também com a contribuição de outras nove artistas. São elas: Cecília Marins (@ceciliatangerina), Luiza Lemos (@luizalemosarte), Tai Silva (@ixe_tai), Kael Vitório (@vitorelo.att), Marília Marz (@mariliamarz), Lila Cruz (@colorlilas), Bruna Maia (@dabrunamaia), Bennê Oliveira (@leve.mente.insana), Ale Kalko (@alekalko). Destacamos, aqui, o Instagram das autoras pois é por meio deles que se dá a divulgação do trabalho, além de ser fundamental para nossa análise em contexto discursivo em ambiente digital. Observamos, principalmente, o perfil da idealizadora do projeto, Helô D’Angelo que, como veremos adiante, promove a série de tiras a partir de *posts collabs* além de assinar as duas tiras analisadas neste artigo.

Lage (2017) considera histórias em quadrinhos digitais a partir da produção com auxílio de aparatos tecnológicos digitais, principalmente na distribuição nesses ambientes, com foco nas redes sociais digitais, ou sites de redes sociais, e o auxílio da internet. As quadrinistas encontraram nesses ambientes um importante meio de divulgação, sendo ainda mais reconhecidas por a partir deles. Nos quadrinhos digitais, a interação e a troca comunicativa entre autora e leitoras são diretas e simples graças à imediaticidade da internet e das redes sociais digitais, que pressupõe ainda um armazenamento ilimitado, além de um acesso mais fácil a esses dados, tanto aos envolvidos na troca comunicativa quanto por terceiros, quando esta acontece por forma de comentários a postagens, o que a autora compreende como uma interatividade rastreável.

Além da distribuição, o uso das redes sociais digitais é importante, também, como espaço aberto a vozes que, historicamente, são silenciadas no mercado tradicional do gênero HQ, principalmente mulheres (Lage, 2022). Portanto, a partir dessa divulgação das HQs nas em redes sociais como o Instagram, a qual analisamos neste trabalho, as quadrinistas têm alterado as artes de acordo com as técnicas de cada plataforma, adaptando a forma de fazer e publicar os quadrinhos, conforme as mudanças dessas mídias sociais.

É nesse contexto que a produção de quadrinhos digitais se relaciona com o processo de midiamorfose (Fidler, 1998), o qual ressalta as mudanças pelos quais os meios de comunicação passam a partir das interações e necessidades percebidas ao longo dos tempos. Uma mudança nas HQs a ser considerada, portanto, foi a possibilidade de tê-las no ambiente digital, espaço no qual ela passou, e vem passando, por processos de readaptação, ainda que sem perder seu formato tradicional impresso e as linguagens e características relacionadas a ele.

Nesse contexto, os meios de comunicação, ou as mídias - às quais incluímos os quadrinhos e os sites de redes sociais - passam por mudanças que acontecem como resultado de interações complexas entre necessidades percebidas, pressões políticas, competências e inovações sociais e tecnológicas (Fidler, 1998). Por isso, o autor entende que o presente da mídia é uma mistura do que ela foi, do que acontece neste momento e do que está por vir, já que seu passado não deixa de existir. Uma mídia, portanto, não existe isoladamente, ela está em constante reinvenção e reestruturação para que possa funcionar (Fidler, 1998).

Agora presença constante nos sites de redes sociais, as atualizações e mudanças pelas quais os quadrinhos passam podem ser consideradas uma forma de midiamorfose. Isso porque, tal como acontece com outros meios e formas de comunicação, eles se reinventam e “[...] transmitem valores que variam de sociedade para sociedade, em um processo de socialização que ultrapassa fronteiras físicas e alcança o mundo digital, por

meio da internet” (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008, p. 181-182). Passam, assim, por mudanças ocasionadas pela prática de leitura no digital e da presença da internet e das redes sociais digitais na vida diária de pessoas de todo o mundo, bem como das atualizações dessas plataformas tanto no que diz respeito aos usos quanto em relação aos modos de exibição.

Exemplos disso, aponta Lage (2022), foram a adição do recurso *swipe* (passar para o lado, ou ir para a próxima imagem), no *Instagram* em 2018, formando o post “carrossel”; e a publicação colaborativa com outros perfis, aumentando, assim, a visibilidade e alcance. Em Boy Dodói, o número de mídias de um carrossel varia, dentre outras coisas, de acordo com a história narrada, e com a artista do projeto.

Ainda assim, estes quadrinhos e *posts* possuem características em comum: as vivências são contadas em quatro quadros, cada um separado em um carrossel (que podem ser subdivididos em mais de uma imagem/quadro, ou não), estas são seguidas de duas imagens promocionais da série/ projeto no catarse (com texto, desenho e link para o financiamento coletivo), e por fim a história completa em uma imagem.

A partir dessa possibilidade múltipla de diversidade de vozes e de alcance, potencializada pela ferramenta de publicação colaborativa, é que está inserido o objeto de estudo aqui proposto. Importante ressaltar o caráter colaborativo em que as HQs digitais estão inseridas, com construções e representações de histórias reais de pessoas anônimas que são potencializadas pela proximidade entre públicos e artistas, principalmente mulheres e sob representação midiática por meio das narrativas de vida (Lage, 2022).

Nesse contexto, a coletânea Boy Dodói, em sua chamada aberta nas redes sociais, recebeu mais de 300 histórias “entre relatos doloridos, absurdos e tragicômicos (ou tudo isso junto, na maioria das vezes)”, segundo informações do perfil. Destas, as editoras relatam que foram selecionadas 11 histórias de várias partes do Brasil para serem transformadas em quadrinhos pelas mãos de artistas, sendo que, além dessas, mais 8 foram transformadas em tirinhas mais curtas, duas das quais analisamos neste trabalho.

No aspecto metodológico, cruzamos as narrativas de si, inserida na Análise do Discurso, com os estudos de masculinidades, ainda que elas sejam representadas a partir de uma visão terceirizada, mas que retrata a sociedade patriarcal na qual estamos inseridos.

Desse modo, acreditamos as personagens retratadas nos quadrinhos acima descritos evoca um Eu para dizer da sua relação com o Outro, que é o homem retratado pelos quadrinhos. Considerando o espaço biográfico (Arfuch, 2003), do qual fazem parte os fragmentos de vidas narrados, os relatos presentes nos quadrinhos firmam-se como experiências pinçadas de momentos que essas mulheres vivenciaram em relações/ encontros com homens que seguem determinado padrão de comportamento masculino.

O psicanalista Pedro Ambra (2019) acredita que a considerada masculinidade frágil é aquela que não consegue se olhar no espelho e se ver diferente dos ideais. Assim, o que se espera e se vive nesse monopólio masculino, reforçando papéis estáticos de gênero e hierarquização das relações, é denominada masculinidade hegemônica.

Uma vez que a masculinidade e a feminilidade são construídas a partir das relações de gênero que se estabelecem na sociedade, refletindo padrões nas relações de gênero (Bourdieu, 2021), é fundamental pontuar que elas se dão em uma perspectiva histórica, não autorreprodutiva ou automática. As relações de gênero são, portanto, sociais. Nesse contexto, observa-se a masculinidade externa, em que os poderes são mais visíveis, em que opera institucionalmente; e interna, a partir das reflexões que se dão a partir dessas relações e questões sociais, raciais e sexuais, carregadas enquanto individualidade. Assim, a hierarquia de gênero não possui nichos múltiplos no topo dela, apesar de se beneficiarem de suas apropriações com representações superficiais.

Nossa intenção, portanto, é apontar os traços pregados pela masculinidade hegemônica, ilustrada como “masculinidade tóxica” em termos populares, comum a esses homens, que invariavelmente são influenciados por ela e reproduzem os comportamentos às mulheres, independentemente de quem seja. Essa generalização é importante para nosso estudo, apesar de assumir a posição crítica de que existem outros tantos tipos de

masculinidades (Connel, 2013). No entanto, a partir do conceito de masculinidade hegemônica, percebemos que há um padrão perseguido por esses homens e que é beneficiado pela estrutura patriarcal na qual nossa sociedade está inserida. A partir dessas relações, as mulheres são subalternizadas e sofrem com atitudes imputadas pelos homens.

Por fim, acreditamos que este estudo, ainda em andamento, contribui para a discussão acerca da masculinidade hegemônica e sua representação nas mídias por meio da linguagem e dos aspectos discursivos. Lançar luz às masculinidades é fundamental para os estudos de gênero, compreendendo a relação de poder que existe entre eles, com a dominação masculina. Acreditamos, ainda, que nosso trabalho pode somar às discussões da comunicação digital a partir da peculiaridade das histórias em quadrinhos enquanto gênero discursivo e objeto midiático que está em constante circulação nos ambientes digitais.

Palavras-chave

Quadrinhos digitais; Masculinidades; Narrativas de vida; Midiamorfose.